

# **O AMOR EM PERSPECTIVA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O SONETO DE CAMÕES E A CONCEPÇÃO BÍBLICA DO AMOR EM 1 CORÍNTIOS 13**

## **LOVE IN PERSPECTIVE: A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN CAMÕES' SONNET AND THE BIBLICAL CONCEPTION OF LOVE IN 1 CORINTHIANS 1**

Naiana de Souza Pinto<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho propõe uma análise comparativa entre o soneto “*Amor é fogo que arde sem se ver*”, de Luís de Camões, e a passagem bíblica de 1 Coríntios 13:3-10, escrita pelo apóstolo Paulo. O objetivo é examinar como ambos os autores abordam o tema do amor, respectivamente, na linguagem poética e no discurso teológico. Observa-se que as duas obras oferecem perspectivas distintas: enquanto Camões apresenta uma concepção mais subjetiva e lírica, tratando o amor como uma experiência paradoxal e intensa, que ultrapassa o desejo de posse da amada, Paulo descreve o amor como um conjunto de virtudes — paciência, resiliência, altruísmo — evidenciando uma perspectiva voltada para o bem comum e a ética cristã. Para sustentar essa análise, recorreremos à Teoria da Hierarquia das Necessidades de Maslow, e aos ensaios de Montaigne, que contribuem para a compreensão das transformações do amor em diferentes contextos históricos e sociais.

**Palavras-chaves:** Literatura comparada, Luís de Camões, amor, Bíblia sagrada.

### **ABSTRACT**

This paper proposes a comparative analysis between the sonnet “*Amor é fogo que arde sem se ver*” of Louís de Camões, and the Bible passage 1 Corintios 13:3-10, written by the Apostle Pau. The objective is to examine how both authors approach the theme of love through poetic language and theological discourse, respectively. The analysis reveals distinct perspectives: while Camões presents a subjective and lyrical conception, depicting love as an intense and paradoxical experience that transcends the desire for possession of the beloved, Paul describes love as a set of virtues - patience, resilience, and altruism - emphasizing a perspective focused on the common good and Christian ethics. To support this analysis, we draw on Maslow's hierarchy of needs, and Montaigne's essays, which contribute to the understanding of the transformations of love in different historical and social contexts.

**Keywords:** Comparative literature, Luís de Camões, Love, Bible

### **INTRODUÇÃO**

A literatura comparada se define pela análise das similaridades e convergências entre obras, explorando tanto os pontos de contato quanto os contrastantes. Esse estudo abrange a linguagem, a intertextualidade, as representações temáticas, entre outros elementos. Essa

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras Língua Inglesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: [naianasouza224@gmail.com](mailto:naianasouza224@gmail.com)

perspectiva analítica permite mapear as relações existentes entre as obras literárias, oferecendo uma visão mais ampla e integrada da produção literária em suas múltiplas manifestações.

Partindo dessa base teórica, o presente trabalho se baseia em tais concepções de literatura comparada para mostrar como Luís de Camões e o Apóstolo Paulo, constroem representações do amor no soneto “*Amor é fogo que arde sem se ver*” e “1 Coríntios 13” respectivamente.

Luís de Camões (1524-1580), reconhecido como um dos maiores poetas da Literatura Portuguesa, viveu em um período de grandes transformações políticas e culturais, impulsionado pelas navegações portuguesas e pelo Renascimento. Essa era de grandes inovações foi caracterizada por significativas inovações filosóficas e culturais, rompendo com o pensamento medieval, até então dominado pela escolástica; uma filosofia vinculada à teologia e a autoridade da igreja. Com o Renascimento, a filosofia adotou um viés antropocentrismo, valorizando a natureza, a razão e o ser humano como eixo das reflexões, o que abriu caminho para o surgimento da modernidade.

Essa mudança exerceu uma forte influência sobre a sua escrita, como em seus sonetos, ele exaltava as emoções, o humanismo, o neoplatonismo e o ceticismo. Na obra “*Amor é fogo que arde sem se ver*”, ele argumenta que, mesmo a pessoa sofrendo por amor, essa experiência pode ser vista como algo positivo, refletindo a fugacidade da vida e a incerteza no amor. O autor expressa a essência do sofrimento que qualquer apaixonado pode experimentar, destacando a complexidade desse sentimento.

Essa representação evidencia as incertezas e os conflitos internos próprios da condição humana, aspectos valorizados pelo pensamento renascentista. Michel de Montaigne (1533–1592), um dos principais intelectuais desse período, inaugurou uma nova forma de compreender o ser humano, ao enfatizar a centralidade do indivíduo, a importância da dúvida como método reflexivo e a interrelação entre religião, cultura e experiência subjetiva. Em seus ensaios, *Do arrependimento* (1588) e *Que filosofar é aprender a morrer* (1580), aborda a mutabilidade da natureza humana e a aceitação das imperfeições. Ele explora como a incerteza e o medo da morte são centrais à existência, conectando a reflexão filosófica à compreensão das contradições humanas. Montaigne valorizava a complexidade dos sentimentos humanos e suas nuances da natureza humana, tratando de temas como a dúvida, as contradições internas e a busca pelo autoconhecimento; aspectos também representados por Camões em seus sonetos. Ambos compartilhavam a influência do humanismo renascentista, destacando o antropocentrismo, a fragilidade da condição humana e a valorização do indivíduo como protagonista da existência.

Essa reflexão sobre a condição humana, presente no pensamento de Montaigne, também

se manifesta nas obras de Camões. Além de ter cultivado o teatro, Camões se destacou sobretudo na poesia lírica (Rimas), com grande variedade de gêneros: sonetos, canções, élogos, redondilhas, entre outros. Os sonetos de Camões têm forte influência da tradição renascentista e também do modelo petrarquista, abordando vastos temas, como o amor, o desconcerto do mundo, a transitoriedade das coisas, instabilidade dos sentimentos e da realidade.

Por outro lado, o texto bíblico insere-se no contexto da expansão do cristianismo no mundo greco-romano. A Primeira Carta aos Coríntios foi escrita pelo apóstolo Paulo durante sua segunda viagem missionária, ocasião em que visitou diversas comunidades cristãs em formação. A igreja de Corinto, situada em uma cidade marcada por intensa diversidade cultural e práticas religiosas heterogêneas, enfrentava sérios conflitos internos, como divisões doutrinárias, disputas por status espiritual e comportamentos considerados imorais. Diante desse cenário, Paulo escreve a epístola com o propósito de corrigir desvios, promover a unidade da comunidade e reafirmar a centralidade do amor como princípio ético e espiritual.

Nascido na cidade de Tarso, situada na região da Cilícia — um importante centro comercial e cultural do mundo greco-romano — o apóstolo é conhecido por dois nomes: Saulo, forma hebraica de origem judaica (Sha'ul), e Paulo, forma latina adotada após sua conversão ao cristianismo. Tarso era uma cidade cosmopolita, habitada por uma população etnicamente diversa, composta por gregos, romanos, sírios e judeus. Embora possuísse cidadania romana, Saulo era judeu de nascimento, pertencente à tribo de Benjamim e membro do partido dos fariseus, grupo conhecido por seu rigor no cumprimento da Lei mosaica.

Antes da sua conversão, Saulo era um fariseu fervoroso e defensor escrito da Lei Judaica. Para ele, os cristãos apresentavam uma ameaça, pois eles iam contra a tradição judaica e o monoteísmo, razão pela qual considerava os ensinamentos de Jesus e seus seguidores uma completa heresia. Outro fator que contribuiu para essa perseguição foi a morte de Estêvão: Saulo testemunhou e aprovou a morte do primeiro mártir cristão, após esse episódio ele recebeu todo apoio do Sinédrio e obteve autoridade oficial para liderar as perseguições. Ele perseguia com rigor os primeiros cristãos, convencido de que, ao fazê-lo, estava verdadeiramente servindo a Deus e zelando pela pureza da Lei. Seu envolvimento ativo nas perseguições visava conter a propagação da nova fé, considerada por ele uma ameaça à tradição judaica.

Após sua conversão, Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios, afirma que o amor é o critério fundamental para conferir sentido e valor a qualquer dom espiritual ou prática religiosa. Em sua perspectiva, o amor não se reduz a uma emoção passageira, mas constitui-se em uma disposição ética que se realiza por meio de atitudes como a paciência, a longanimidade e a renúncia. Tal concepção evidencia um ideal de amor centrado no compromisso com o outro e

na construção de vínculos sustentados pela responsabilidade moral.

Em uma de suas viagens, a caminho de Damasco, algo de extraordinário aconteceu: Saulo e seus companheiros ouviram uma voz, mas não compreenderam suas palavras. Espantados, não puderam ver quem falava, somente Saulo contemplou a presença de Jesus Cristo ressurreto e ouviu suas palavras. Após esse encontro, ele passou a ser chamado de Paulo (*Paulus*), nome que simbolizava o início de sua missão e vocação a evangelizar os gentios.

Ao compararmos as obras, podemos perceber duas perspectivas distintas sobre o amor. Camões se concentra na idealização do amor, privilegiando a experiência emocional em vez de uma relação concreta. Em suas obras, o amor é retratado como uma força poderosa e paradoxal, capaz de gerar tanto prazer quanto sofrimento.

Levando em conta as duas perspectivas apresentadas, a análise conjunta das obras oferece uma reflexão sobre a natureza multifacetada do amor, que pode ser tanto uma fonte de sofrimento quanto uma expressão de leveza e solidariedade. Essa dualidade do amor, capaz de provocar dor e vulnerabilidade, mas também realização e conexão, é abordada pelo psicanalista Erich Fromm, em sua obra *A arte de amar* (2006). Fromm (2006) sugere que o amor verdadeiro é marcado por essa complexidade, exigindo não apenas entrega emocional, mas também autoconhecimento e coragem de enfrentar suas dificuldades, o que reforça a profundidade das representações amorosas demonstradas nas obras.

Assim, com o objetivo de compreender melhor a expressão poética de cada obra, bem como as semelhanças e diferenças na perspectiva do amor, esse trabalho propõe uma análise comparativa entre os textos, levando em conta os diferentes períodos históricos e sociais em que estão inseridas.

## **OBRA E VIDA DE CAMÕES**

Filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá e Macedo, Luís Vaz de Camões nasceu por volta de 1524, em Lisboa, Portugal, e faleceu em 10 de junho de 1580. Pertencente a uma pequena família da nobreza teve acesso a uma educação clássica, permitindo que estudasse latim, literatura, filosofia e história na Universidade de Coimbra.

Sua jornada teve forte impacto nas construções de suas obras. Camões tinha fama de se envolver em confusões e, em uma delas, durante a noite de procissão, golpeou com espada o pescoço de Gonçalo Borges, encarregado dos arreios do rei. Por esse motivo foi preso, mas recebeu uma carta régia que o perdoou, resultando em sua libertação. Para isso, foi necessário pagar quatro mil réis, que foram destinados para a caridade, além de ser obrigado a servir na Índia.

Esse período de dificuldades e aventuras não só influenciou na mudança de atitudes de

Camões como influenciou na criação de suas obras. Esses episódios ofereciam-lhe novas experiências de vida e contribuíram para que transformasse algumas de suas trajetórias em elementos de ficção. Em *Os Lusíadas* (1572), por exemplo, o poeta descreve as viagens marítimas e as conquistas portuguesas de forma melancólica e crítica, abordando os desafios enfrentados pelos navegadores, além de refletir sobre a corrupção e a ambição do Império Português (Cavalcanti, 2024).

Camões viveu em um período marcado por guerras e instabilidade social, levando-o a prestar serviços na armada portuguesa. Durante sua expedição a Ceuta, território do Marrocos, sofreu incontáveis adversidades, chegando a perder o olho direito em batalha. Em 1558, sobreviveu a um naufrágio na foz do rio Mekong, na costa do Sião, quando já havia escrito os primeiros versos de *Os Lusíadas*. Nesse trágico episódio, morreu uma jovem chinesa, chamada Dinamene, por quem ele teria se apaixonado durante sua estadia em Macau (Cavalcanti, 2024).

Profundamente amargurado, Camões escreveu uma série de poemas expressando sua dor e saudade de sua amada, como, por exemplo, o famoso *Soneto 48*. Em seus versos, retrata a intensidade do amor vivido entre eles, como é citado no trecho: “*Não te esqueças daquele amor ardente / Que já nos olhos meus tão puro viste*”. Mesmo em luto pela perda da amada, ele expressa como essa relação foi genuína e ardente, ainda que breve. Nos demais versos, lamenta as circunstâncias da vida que colocaram um ponto final nesse amor. (Cavalcanti, 2024).

Em seus sonetos e redondilhas, Camões convergiu sua trajetória de vida e suas experiências pessoais, transpondo-as com maestria para suas obras. Suas reflexões e confissões internas revelam sua visão sobre o amor, ainda que o indivíduo sofra, essa vivência deve ser encarada como algo positivo, acompanhando essa transição entre sofrer e sentir a dor desse amor (Cavalcanti, 2024).

De volta a Lisboa, em 1570, Camões enfrentou grandes dificuldades financeiras. Segundo Cavalcanti (2024), ele sobreviveu por um longo período com a ajuda de seu vassalo Jau, vindo das Molucas, que passava as noites pelas ruas pedindo esmolas e pão para seu mestre. Mas enquanto lutava para superar essa fase difícil, Camões prosseguia em sua escrita de *Os Lusíadas*, contando com o apoio de D. Manuel de Portugal, a quem declarou total devoção ao seu país.

As primeiras edições de sua obra, denominada de *edição princeps*, foram publicadas em 1572 na tipografia de António Gonçalves, em Lisboa. Dedicado ao rei D. Sebastião de Portugal, a obra foi bem recebida na corte e considerada um marco na literatura portuguesa, sendo elogiado e enaltecido pela realeza portuguesa.

Camões percorreu o caminho das epopeias, em *Os Lusíadas* construiu uma narrativa

retratando os feitos heroicos e a glória da história da nação. Tendo como inspiração obras como a *Eneida*, de Virgílio; a *Iliada e a Odisseia*, de Homero; *A Divina Comédia*, de Dante. Sobre esses aspectos, José Paulo Cavalcanti (2024) afirma que os escritos épicos da época abordavam temas geralmente ligados à história, ao heroísmo e à mitologia, com forte exaltação da bravura dos guerreiros, as grandes navegações portuguesas, as críticas e as reflexões sobre o mundo eram alguns dos temas recorrentes nessas obras.

O soneto 92 "*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*", embora siga a escrita lírica, apresenta elementos característicos da escrita épica, especialmente no que diz respeito à reflexão filosófica sobre o destino, o tempo e as transformações. O impacto do tempo e a constante mudança da vida são temas recorrentes nas epopeias, que frequentemente abordam sobre a passagem do tempo e a inevitabilidade da morte. Nas epopeias, os heróis enfrentam a transitoriedade da vida e a constante luta do destino, (Gutenberg, 2010).

Ademais, ao explorar a reflexão sobre o tempo e o destino, Camões também se relaciona com outros temas, como a paixão, a religiosidade e o cristianismo, os quais fazem ligação sobre a sua visão sobre a vida e a morte. Embora ele tenha passado por momentos difíceis em sua vida, suas obras não expressam um ceticismo absoluto sobre o sentido da existência. No soneto "*Quem diz que o amor é falso ou enganoso*", o autor descreve o amor como um sentimento brando, doce e piedoso, capaz de superar adversidades. Além disso, ele distingue essa visão àqueles que não experimentam o verdadeiro amor, sugerindo que esses tendem a vê-lo de forma negativa, (Camões, 2012).

Nesse sentido, o amor não se limita a esfera sentimental, mas se conecta com a paixão e a religiosidade, refletindo essas influências em suas obras. Camões conhecia profundamente as sagradas escrituras, tinha um conhecimento sólido em teologia, grande parte de suas obras está cheia de referências bíblicas, indicando seu caráter religioso.

No soneto "*Cá nesta Babilônia, donde mana*" Camões estabelece uma comparação entre seu próprio exílio e o sofrimento do povo judeu, que foi submetido ao cativeiro babilônico. O soneto tematiza as dores do exílio e da opressão, refletindo a angústia de quem se vê afastado do seu lar e privado da liberdade. Assim como os judeus foram censurados e perseguidos, mas resistiram bravamente, o poeta expressa, em seus versos, a dor e o anseio de um possível retorno ao seu lar, onde poderia finalmente encontrar a paz, (Camões, 2012).

Desse modo, podemos perceber que temas como religiosidade, brevidade da vida e amor são recorrentes na obra de Camões, que os aborda de maneira profunda e reflexiva, utilizando uma linguagem rica em metáforas. Seus poemas refletem a influência do classicismo e do humanismo renascentista, bem como a intensidade de suas experiências pessoais e sua visão

sobre a condição humana. Camões retrata a existência como marcada pela dor e pelo sofrimento, além de representar o amor de forma idealizada e como meio de expiação, perspectivas que se conectam à representação do amor em diversas passagens da Bíblia Sagrada.

## **A BÍBLIA SAGRADA**

A Bíblia tem sido objeto de estudo tanto no campo da literatura quanto da teologia, gerando diferentes abordagens interpretativas. A palavra "Bíblia" vem do grego βιβλίον (*biblion*), que significa pergaminho, papiro ou livro, e da expressão τὰ βιβλία τὰ ἅγια (*ta biblia ta hágia*), que significa "livros sagrados". Além do seu valor religioso, espiritual e moral, a Bíblia também é considerada um documento histórico e literário de grande importância, exercendo forte impacto na cultura e na arte ao longo dos séculos.

Quanto à sua formação textual, a Bíblia foi escrita ao longo de séculos, reunindo textos de diferentes autores e contextos históricos. Considerando esse aspecto, é relevante analisar as distintas concepções sobre a Bíblia, com ênfase na sua natureza literária. Conforme destacam Gabel e Wheeler (1993, p. 73), “Ela surgiu numa época relativamente recente num pequenino país da extremidade oriental do Mar Mediterrâneo como parte da experiência nacional de um povo específico conhecido como hebreus ou israelitas”.

Esse processo contou com a mediação de sábios, indivíduos reconhecidos por sua sabedoria particular, considerados mais próximos do divino, e, portanto, frequentemente associados à preservação e transmissão das tradições (Santos, 2011, p. 47). A comunicação entre o humano e o sagrado era registrada e perpetuada, primeiramente por meio da tradição oral, sendo posteriormente registrados como escritos. Dessa maneira, relatos considerados sagrados foram transmitidos de gerações, até serem consolidados e reconhecidos na escrita.

O longo processo de formação e transmissão textual resultou na gradual consolidação da Bíblia como a conhecemos. A composição do Cânon do Antigo Testamento estrutura-se em três divisões (Santosa, 2011, p. 53-54). A primeira é o Pentateuco (Torá), formado pelos cinco primeiros livros tradicionalmente atribuídos a Moisés, que exerceram profunda influência na transmissão dos ensinamentos religiosos. A segunda divisão compreende os Proféticos (Nevi'im), subdivididos em Profetas Anteriores (Josué, Juizes, Samuel e Reis) - que combinam narrativa histórica com reflexão teológica sobre a aliança divina e seu juízo - e Profetas Posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze Profetas Menores), cujos textos apresentam exortações e promessas escatológicas. Por fim, os Escritos (Ketuvim) constituem a terceira parte do Cânon hebraico, abrangendo textos poéticos (Salmos, Lamentações), sapienciais (Provérbios, Jó, Eclesiastes), narrativos (Rute, Ester, Crônicas) e apocalípticos (Daniel). A

consolidação definitiva deste Cânon ocorreu tardiamente, demonstrando o complexo processo de seleção, recepção e reconhecimento posterior desses textos como sagrados.

Segundo Comfort (1998), o Novo Testamento foi sendo composto gradualmente ao longo de mais de dois séculos, até alcançar a forma com que o conhecemos hoje, composta por 27 livros. Os primeiros textos a circularem entre as comunidades cristãs foram as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo (Romanos, Coríntios e Gálatas, etc), escritas com o objetivo de orientar e consolidar a fé entre os primeiros convertidos. A essas se somam a carta aos Hebreus, também de natureza doutrinária, e as chamadas epístolas gerais, atribuídas a Tiago, Pedro, João e Judas. Os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João reuniram os relatos sobre a vida, os ensinamentos e a morte de Jesus Cristo. Já o livro de Atos dos Apóstolos narra o desenvolvimento das primeiras comunidades cristãs, enquanto o Apocalipse apresenta uma série de visões atribuídas a João, relacionadas ao fim dos tempos.

Após a canonização dos textos sagrados, a preservação e disseminação das Escrituras se deu, em grande parte, por meio das traduções. Nesse sentido, vale destacar que Comfort (1993, p.321) entende a tradução como um “processo de começar com alguma coisa (escrita ou oral) em uma língua (a língua original) e expressá-la em outra (a língua receptora)”. Embora a definição de tradução ajude a entender o processo em termos teóricos, foi o ato prático de traduzir que moldou a história da Bíblia.

Com a consolidação do cânon das Escrituras judaicas, surgiu a necessidade de uma nova tradução para o grego, destinada aos judeus da diáspora helenizada. A primeira grande tradução foi a Septuaginta (LXX), feita por judeus falantes do grego, que converteram os textos hebraicos para o idioma predominante da época (Gabel e Wheeler, 1993, p. 154). No entanto, essa versão não agradou a todos, sobretudo ao público cristão posterior, pois continha elementos que divergiam da doutrina que se consolidava. A valorização do cânone judaico, a exclusão de livros que mais tarde seriam chamados de deuterocanônicos e o declínio do prestígio da língua grega no interior do judaísmo contribuíram para o desuso da Septuaginta.

No final do século IV, Jerônimo observou que determinados livros presentes na Bíblia grega não constavam na Bíblia Hebraica (Gabel e Wheeler, 1993, p. 205-206). Esses escritos, por não possuírem autoridade canônica para os judeus, foram denominados por ele como apócrifos, termo derivado do grego *apokrypha*, que significa “ocultos”. Esse vocábulo era utilizado para designar textos considerados esotéricos ou com ensinamentos voltados a um público mais restrito. Apesar de sua formação judaica e de certa resistência inicial, Jerônimo acabou por incluir parte desses textos em sua tradução para o latim, a Vulgata, influenciado pelo ambiente cristão e pela função edificadora que tais escritos poderiam exercer. Contudo, ele fez

questão de marcar, por meio de prefácios, que tais livros não deveriam ser considerados canônicos. Ainda assim, por mais de mil anos, a versão oficial da Igreja Católica incluiu esses textos nas suas edições da Bíblia, conferindo-lhes espaço e legitimidade prática no uso litúrgico e doutrinal.

Com o advento da imprensa, no século XV, inventada por Johannes Gutenberg, um novo cenário foi apresentado. A possibilidade de reprodução em massa dos textos bíblicos revolucionou o acesso às Escrituras. Gabel e Wheeler (1993, p. 207) revelam que a partir do “surgimento da imprensa, tornou-se possível fazer centenas de cópias com custo mais ou menos igual”, o que contribuiu para ampliar a circulação da Bíblia para além do clero e da aristocracia, atingindo também os leigos. Essa difusão acelerada do texto bíblico, agora acessível em maior escala, despertou questionamentos acerca das versões disponíveis, da fidelidade das traduções e do controle institucional sobre as Escrituras.

É nesse contexto que Martinho Lutero dá início à Reforma Protestante, movimento que tinha como uma de suas principais preocupações a acessibilidade da Bíblia ao povo em sua língua materna. Lutero, ao traduzir as Escrituras para o alemão, partiu dos textos originais hebraico para o Antigo Testamento e grego para o Novo Testamento, buscando fidelidade às fontes. Durante esse processo, optou por isolar os livros apócrifos, não os incluindo no corpo principal da Bíblia, mas relegando-os a uma seção separada, reconhecendo seu valor literário e histórico, mas não doutrinário. Para ele, apenas os textos hebraicos possuem autenticidade plena, ao passo que os apócrifos continham fundamentos que sustentavam doutrinas católicas romanas, como o purgatório e a oração pelas almas dos mortos, práticas não respaldadas pelo cânon hebraico (Gabel e Wheeler, 1993, p. 207).

Essa postura de Lutero ecoou em outros contextos e fomentou movimentos semelhantes em diversas partes da Europa, consolidando o protesto contra a hegemonia da Igreja Romana e o apelo por uma reforma religiosa, linguística e cultural profunda.

Nesse longo processo de transmissão e tradução, a Bíblia consolidou-se como um dos textos mais influentes da história, servindo de alicerce tanto para o Cristianismo quanto para o Judaísmo. Seu impacto se estendeu para além do meio religioso, alcançando a arte, a cultura, a literatura, a filosofia e até mesmo eventos históricos marcantes. Como já citado, a Bíblia esteve relacionada à inovação da imprensa como a de Gutenberg e foi um dos pilares ideológicos da Reforma Protestante.

No campo artístico-literário, seu legado é presente. Bandas como *Legião Urbana*, por exemplo, fazem referências diretas aos textos bíblicos, como na música "*Monte Castelo* (1989)", que traz de forma poética os ensinamentos do apóstolo Paulo sobre a supremacia do

amor, conforme a *Primeira Carta aos Coríntios 13*. Já o soneto "*Sete anos de pastor Jacó servia* (1595)", de Luís Vaz de Camões, remete à narrativa de Gênesis 29: 1-30, demonstrando como a Bíblia dialoga com a tradição clássica. Em obras mais amplas, como *A Divina Comédia* (1304), de Dante Alighieri, observa-se a presença densa de imagens e temas bíblicos, revelando a profundidade espiritual e a complexidade simbólica que esses textos carregam.

Até os dias atuais, a Bíblia permanece como referência de princípios éticos, valores morais e fundamentos espirituais, influenciando, de forma contínua, concepções de justiça e comportamento mesmo em sociedades modernas e seculares.

Como já mencionado, a Bíblia não foi escrita de forma linear, mas sim ao longo de séculos, em diferentes contextos culturais e históricos. Essa pluralidade nos apresenta múltiplas formas de entender o amor, particularmente nos textos do Antigo Testamento. Conforme explica o Hackmann (2010), “nem sempre o vocábulo amor foi usado no Antigo Testamento, enquanto outras palavras foram empregadas com o mesmo conteúdo indicado pelo amor de Deus”. Outros termos foram empregados para transmitir a mesma ideia, expressando o amor de Deus não apenas no sentido verbal, mas também por meio de ações e cuidados.

Um exemplo claro disso está em Isaías 40:10, o texto descreve Deus sustentando seu povo com firmeza, sem empregar a palavra “amor”. Mesmo assim, demonstra nitidamente o cuidado divino, e a fidelidade d’Ele em sua maneira de agir, um compromisso que fala muito mais alto que qualquer declaração.

Como vimos anteriormente, as Escrituras apresentam o amor como um conceito multifacetado. Essa riqueza semântica e diacrônica fica evidente quando analisamos os diferentes termos utilizados para expressá-lo, conforme demonstra Hackmann (2010). No hebraico, *ahaba* engloba tanto as relações humanas como a paixão conjugal retratada no Cântico dos Cânticos, quanto a dimensão sagrada, exemplificada pela aliança divina com Israel. Essa relação divina, caracterizada por graça e lealdade, encontra uma representação em Oseias 3:1, onde Deus é comparado a um esposo que mantém seu amor por uma esposa infiel.

No contexto do Novo Testamento, o grego *ágape* surge como expressão máxima do amor sacrificial, personificado na entrega de Cristo pela humanidade (João 15:13). Em contraste, *éros*, embora não explicitamente nomeado nos textos sagrados, manifesta-se nas descrições da paixão humana, como encontramos tanto na poesia do Cântico dos Cânticos quanto nas advertências de Provérbios 7:13.

Completando esse quadro, *philia* representa os vínculos de profunda amizade e afeto mútuo, como evidenciado no relacionamento de Jesus com seus discípulos (João 15:15) e no tocante interação com Pedro (João 21:15). Através dessas diversas formas de amor, as Escrituras

nos mostram que o verdadeiro amor ultrapassa o simples sentimento, concretizando-se em atitudes de entrega, fidelidade e comunhão genuína.

Assim como as variações terminológicas no conceito de amor (*ágape/philia*) revelam nuances teológicas, a reinterpretação paulina das Escrituras judaicas demonstra uma sofisticada hermenêutica intercultural. Paulo, enquanto "judeu da diáspora" (Ramos et al., 2012, p. 6), articulava sua formação farisaica com o contexto greco-romano, citando frequentemente a Torá, os Profetas e os Escritos. Em Romanos 4:3, por exemplo, ele retoma Gênesis 15:6 para fundamentar sua doutrina da justificação pela fé, exemplificando seu método exegético que via em Cristo o cumprimento das promessas messiânicas.

Suas epístolas, reconhecidas como "os escritos mais antigos do cristianismo" (Ramos et al., 2012, p. 7), não apenas estruturaram o pensamento cristão primitivo, mas influenciaram diretamente a redação de outros textos bíblicos. Esse processo de recepção e transmissão - desde a preservação das cartas até sua canonização - reflete o papel central de Paulo na formação do cânone, estabelecendo um diálogo criativo entre a tradição judaica e a nascente identidade cristã.

## **CONCEPÇÕES DO AMOR**

No discurso de Diotima (Platão, p. 19-27), Platão apresenta o amor como algo que nasce da carência, gerando uma busca incessante. O sofrimento atua como impulso, conduzindo à elevação por meio da "escada do amor", que começa no amor por um corpo belo, ou melhor, no desejo físico pelo outro, e termina na contemplação do Belo absoluto, ou seja, no amor pelo belo presente no Mundo das ideias, que é puro, verdadeiro, eterno e imutável.

Essa ideia dialoga com os sonetos de Camões, já que ambos exploram a tensão entre falta e transcendência. No entanto, enquanto Platão propõe uma jornada racional para superar essa carência, Camões enfatiza a angústia humana, oscilando entre o amor idealizado (de inspiração platônica) e a dor do amor não correspondido (típico do petarquismo), corrente literária inspirada na obra de Francesco Petrarca (1304–1374), que valoriza o sofrimento amoroso, a idealização da figura feminina e a inatingibilidade do desejo. Assim, o sofrimento amoroso, em Camões, torna-se paradoxalmente uma fonte de enobrecimento, ainda que marcado pela contradição entre o elevado e o terreno.

Em contraste com o *éros* platônico, caracterizado como um amor movido pela carência e pelo desejo de ascensão espiritual, Paulo de Tarso propõe, em sua epístola aos Coríntios, a concepção de *ágape*: um amor incondicional, paciente, benigno e orientado pela doação ao outro, que “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor 13:4–7). Diferentemente da estrutura hierárquica apresentada no Banquete de Platão, especialmente no discurso de Pausânias, onde o amor é dividido em duas formas o amor vulgar (*Eros Pandêmico*), associado

ao corpo e aos prazeres sensoriais, e o amor celestial (Eros Urânico), vinculado à alma e à busca do bem, a *ágape* paulina rejeita essa distinção elitista. Ao invés de ascender por graus em direção ao Belo ideal, o amor cristão se volta radicalmente para o outro, independentemente de mérito, beleza ou reciprocidade. Trata-se de um amor ético, voltado à alteridade, que não busca a elevação pessoal, mas a comunhão espiritual e o cuidado incondicional. Nesse sentido, enquanto o amor platônico tende à transcendência por meio da razão e da contemplação, o amor paulino realiza-se na ação concreta e na vivência comunitária da caridade.

Apesar da divergência estrutural, há um ponto de convergência essencial: tanto Platão quanto Paulo entendem o amor como “caminho de elevação”. Para Platão, essa ascensão se dá pela razão, que conduz a beleza sensível à contemplação do Bem absoluto. Para Paulo, é pela graça divina que o amor (*ágape*) eleva o homem à plenitude da caridade.

A relação paradoxal entre transcendência amorosa e limitação humana, explorada desde a filosofia grega até a teologia cristã, na confluência entre a poesia camoniana e a reflexão de Montaigne. A obra do escritor francês, particularmente em seus Ensaaios, estabelece um diálogo crítico com essa tradição, enquanto Platão via o *eros* como escada metafísica e Paulo propunha a *ágape* como dádiva divina, Montaigne se revela através do confronto com a dor e finitude.

Em seus ensaios, “*Do arrependimento*” (1588) e “*Filosofar é aprender a morrer*” (1580), ele revela o amor como experiência que simultaneamente expõe nossa fragilidade humana e abre possibilidades de superação, não pela via da razão pura ou da graça, mas através da aceitação consciente de nossa condição finita, seja na dor camoniana ou na entrega cristã.

Assim como Montaigne explora o amor como uma experiência que revela, ao mesmo tempo, uma possibilidade de transcendência e uma fragilidade inerente ao ser humano, a psicologia — sobretudo em Maslow (1943) — compreende o amor como uma necessidade social humana (pertencimento). Segundo o autor:

Se tanto as necessidades fisiológicas quanto as de segurança estiverem razoavelmente bem satisfeitas, então surgirão as necessidades de amor, afeto e pertencimento [...]. Agora, a pessoa sentirá intensamente, como nunca antes, a ausência de amigos, de um (a) namorado (a), de uma esposa ou de filhos. Ela terá fome de relações afetivas com outras pessoas em geral, ou seja, desejará um lugar em seu grupo, e lutará com grande intensidade para alcançar esse objetivo. Vai querer conquistar esse lugar mais do que qualquer outra coisa no mundo e talvez até se esqueça de que, um dia, quando sentia fome, zombava do amor.  
(Maslow, 1943, p.381-382, tradução nossa).

Portanto, na organização hierárquica das necessidades humanas estabelecidas por Maslow, o amor e a afeição surgem como demandas que precisam ser supridas para que o sujeito consiga

viver bem não apenas consigo mesmo, mas com os outros diante das relações sociais. Vale lembrar, que o autor também entende essa carência como uma via de mão dupla, ou seja, ao mesmo tempo em que o sujeito sente necessidade de ser amado, ele sente a necessidade de amar e, dessa maneira, anseia por estabelecer relações recíprocas.

A ideia que Maslow apresenta sobre o amor como necessidade pode ser observada em inúmeros personagens de obras literárias e na expressão do eu lírico em poesias como a do próprio Camões. Como veremos posteriormente na análise da passagem bíblica e do soneto em questão, enquanto Camões retrata a paixão como um "fogo" que consome e expõe a carência afetiva (sofrimento da não correspondência), 1 Coríntios 13 apresenta o amor *ágape* como virtude que transcende a mera necessidade, alinhando-se à auto realização. Ambos os textos, ainda que distintos, ecoam a ideia de que o amor, seja na falta ou na plenitude, é força motriz do humano seja na dor inevitável (Camoniana) ou como escolha que liberta (cristã).

## ANÁLISE COMPARATIVA

Entre os diversos sonetos compostos por Camões, destaca-se “Amor é fogo que arde sem se ver”, que aborda com notável sensibilidade a natureza contraditória do amor. Em sua produção poética, é perceptível a forma profundamente humana como o poeta representa os sentimentos, revelando uma escrita marcada por intensidade emocional e reflexão filosófica, como observa Adriana de Campos Rennó (2007, p. 2). O referido soneto foi provavelmente escrito entre 1550 e 1580, período em que, segundo Cavalcanti (2024), Camões já havia consolidado sua visão do amor como uma experiência marcada pela dor, contradição e inevitabilidade — traços recorrentes em sua lírica amorosa.

Embora o amor seja o foco principal, o poema também explora outros temas relevantes, como o sofrimento existencial, a contradição inerente à condição humana e a ideia de destino (fado), revelando a inevitabilidade do sofrimento amoroso. Em termos formais, o soneto segue o modelo clássico italiano, ou petrarquiano, muito valorizado no Renascimento. É composto por quatorze versos decassílabos, distribuídos em dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos), com um esquema de rimas tradicional: ABBA ABBA CDC DCD.

A partir da leitura do soneto camoniano “Amor é fogo que arde sem se ver”, é possível identificar a presença de três eixos temáticos fundamentais que dialogam com diferentes teorias filosóficas e psicológicas sobre o amor: a carência afetiva aparece, por exemplo, nos versos “É um não querer mais que bem querer” e “É um andar solitário entre a gente”, o impulso transcendental e a dor como expressão de uma vivência contraditória. Nos versos do soneto, nota-se uma estrutura repetitiva e acumulativa, que parte da tentativa de definir o amor por meio

de imagens sensoriais, emocionais e morais. Cada definição traz uma tensão entre opostos, o que revela a complexidade do sentimento amoroso sob o olhar do eu lírico. Como observa Rennó (2007, p.2) a linguagem camoniana articula metáforas que aproxima a tradição clássica da experiência subjetiva moderna, o que reflete a ambiguidade dos afetos humanos.

O primeiro ponto de aproximação entre o soneto e as teorias contemporâneas do amor está na ideia de carência e impulso. No verso “é ferida que dói, e não se sente”, Camões expressa uma dor constante, invisível e interior, que sugere um sofrimento já tão profundo que se tornou insensível, revelando uma espécie de anestesia emocional. Essa representação remete à concepção de Maslow (1943) sobre o amor como uma necessidade fundamental de pertencimento: uma “fome afetiva” que leva o indivíduo a se submeter ao sofrimento em troca da possibilidade de amar e ser amado. A carência aparece, também, nos versos “é um não querer mais que bem querer” e “é um andar solitário entre a gente”, os quais reforçam o conflito entre o desejo e a razão, e o sentimento de isolamento social e emocional. A ausência de pertencimento, a luta interna entre querer e negar, e a vivência solitária em meio à coletividade evocam tanto o *éros* platônico, o amor como busca por algo que falta (Platão, 1997) quanto a terceira necessidade na hierarquia de Maslow: o desejo por vínculos afetivos significativos (Maslow, 1943). O eu lírico, portanto, oscila entre o anseio e a frustração, o que revela o amor como uma força existencial inquieta e incontrolável.

No segundo eixo temático, observa-se a dimensão transcendental do amor, como superação da condição humana. O verso “é querer estar preso por vontade” apresenta o paradoxo do encarceramento voluntário, no qual o sujeito se entrega de forma consciente a um vínculo amoroso que, embora limite, também eleva. Essa entrega lembra tanto a ideia da escolha ética do amor *ágape*, proposta por Paulo, quanto o processo de ascensão amorosa descrito por Platão, em que o indivíduo transcende o desejo físico em direção ao amor ideal. Já no verso “é ter, com quem nos mata, lealdade”, o eu lírico permanece fiel mesmo diante da dor e da rejeição, o que remete à concepção cristã de amor incondicional que suporta as adversidades. Essa mesma entrega é também refletida em Montaigne, que entende o amor como parte da experiência humana finita, onde a dor é inevitável, mas abre caminhos para o autoconhecimento (Montaigne, 1588). Ainda no verso “é cuidar que se ganha em se perder”, a ideia da perda como ganho aproxima-se da lógica de doação presente tanto em Platão quanto em Paulo: amar é abrir mão de si mesmo para encontrar algo maior. Camões, nesse sentido, representa o amor como um sentimento que ultrapassa a razão e une dor à nobreza, revelando uma vivência amorosa que se aproxima da reflexão de Montaigne, não como fuga do sofrimento, mas como aceitação consciente da existência.

Por fim, o terceiro eixo temático presente no soneto é o amor como dor e contradição. Desde os primeiros versos, nota-se uma construção baseada em paradoxos: “contentamento descontente”, “dor que desatina sem doer”, entre outros. Tais expressões revelam a ambiguidade da experiência amorosa, marcada por instabilidade emocional e contradição de sentimentos. O verso “é nunca contentar-se de contente” traduz com precisão esse ciclo de desejo e insatisfação, comum a um amor terreno e imperfeito, no qual a plenitude nunca se alcança completamente. Mesmo diante da presença do outro, o eu lírico continua a buscar algo que ainda não foi plenamente realizado. Essa tensão culmina nos últimos versos do poema: “Mas como causar pode seu favor / nos corações humanos amizade, / se tão contrário a si é o mesmo Amor?”, onde o poeta questiona a essência paradoxal do amor e sua capacidade de unir pessoas, mesmo sendo tão contraditório. Camões, ao invés de negar essa contradição, a assume como parte inerente da experiência amorosa. Nesse sentido, o amor é apresentado como uma força que exige do sujeito o enfrentamento de todas essas dimensões de carência, transcendência e sofrimento. Até que ele, em sua condição humana, encontre algum sentido ou realização dentro dessa travessia afetiva.

Assim, ao assumir o amor como força paradoxal — simultaneamente desejo, ausência e sofrimento — Camões evidencia a complexidade da experiência afetiva no plano humano. No entanto, essa concepção não se esgota na tradição poética. A reflexão sobre o amor também atravessa o discurso teológico, como se observa no capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios, em que Paulo propõe uma leitura espiritualizada do amor, não marcada pela contradição, mas orientada pela virtude, pela perseverança e pelo compromisso ético com o outro.

O capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios foi escrito em um contexto de tensões e desafios enfrentados pela comunidade cristã em Corinto, marcada por divisões internas, práticas pagãs e uma crescente incredulidade. Nesse cenário, o apóstolo Paulo escreve com o intuito de restaurar a unidade da igreja, promovendo o crescimento espiritual por meio da centralidade do amor como princípio essencial da vida cristã.

Diferente de outras epístolas paulinas, esta carta se reveste de um tom singular. Ainda que orientativa e, por vezes, exortativa, a passagem de 1 Coríntios 13 adquire contornos poéticos ao apresentar diferentes manifestações do amor. Paulo propõe, nessa passagem, não apenas uma definição, mas uma elevação espiritual do amor (*ágape*), colocando-o acima da fé e da esperança: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor” (1 Cor 13:13). Enquanto Camões e outras concepções compreendem o amor como impulso, desejo ou dor, Paulo o revela como virtude suprema, capaz de transformar e sustentar a existência humana.

Em contraponto ao lirismo intenso e contraditório do soneto camoniano, a passagem de 1 Coríntios 13 oferece uma concepção espiritualizada do amor, marcada pela doação e pela transcendência ética. Os versículos analisados se afastam da carência afetiva e do sofrimento como matéria poética e se aproximam de outras visões filosóficas e psicológicas discutidas neste trabalho.

Nos versículos 1 a 3 — “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como bronze que soa ou como címbalo que retine”, Paulo alerta para a vaidade das ações desprovidas de amor. A metáfora do bronze e do címbalo sugere que, sem amor, mesmo os atos mais sublimes tornam-se vazias manifestações exteriores. Essa concepção dialoga com Montaigne, que em seus Ensaios afirma que o valor das ações reside na sinceridade da alma, e não em sua aparência. O filósofo francês compreende o amor como revelador da fragilidade humana, pois mesmo os grandes feitos tornam-se vãos quando desprovidos de afetividade genuína, (Antunes, 2018, p. 107).

Platão, por sua vez, ainda que distante do cristianismo, também associa o amor ao movimento em direção ao bem. Em *O Banquete*, o filósofo descreve o *éros* como uma carência, um desejo de completude que impulsiona a alma a buscar o que lhe falta para se tornar uma forma mais pura (Platão, 1997). Essa ideia é retomada na epístola, ao sugerir que o amor verdadeiro não se esgota em ações isoladas, mas revela sua autenticidade quando se torna fundamento da existência.

Nos versículos 4 a 7 — “O amor é paciente, é benigno... tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, Paulo expressa as virtudes do amor *ágape*, que se mantém mesmo diante da dor e da incompreensão. Essa concepção se aproxima do pensamento de Montaigne, ao reconhecer a dor como parte constitutiva da experiência amorosa. Para ele, amar é também suportar e aceitar a condição limitada do humano. Ainda, ao afirmar que o amor “tudo suporta”, Paulo nos conduz a uma ideia de vínculo que persiste mesmo no sofrimento, o que ecoa a teoria das necessidades de Maslow (1943), segundo a qual o amor é uma necessidade social e afetiva essencial à autorrealização.

Também é possível perceber um paralelo com a escada ascensional do amor, especialmente ao entendermos o amor paulino como uma forma de elevação ética. Em Platão, a ascensão amorosa culmina na contemplação do Bem; em Paulo, culmina na caridade, como expressão mais alta do amor, que não se vangloria, não se exaspera e é permanente.

No versículo 11 — “Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino, raciocinava como menino; quando me tornei homem, desisti das coisas de menino”, nota-se a transição da carência à maturidade. Esse amadurecimento amoroso, que implica em abrir mão

da superficialidade, remete à própria ideia de evolução moral e afetiva. Tal passagem pode ser lida como uma metáfora do crescimento espiritual que, para Maslow (1943), corresponderia à progressiva realização, na medida em que o indivíduo supera os impulsos imediatos para atingir níveis mais elevados de integração pessoal.

Por fim, observa-se que Paulo, apesar de apresentar uma visão idealizada do amor, não ignora a dor e a renúncia que o acompanham. Pelo contrário, ele afirma que, com amor, tudo pode ser suportado, ideia que ecoa, ainda que em registros distintos, tanto na dor poética de Camões quanto na aceitação filosófica da finitude em Montaigne.

Apesar das diferenças de origem e intenção, tanto em Camões, lírico renascentista, quanto no apóstolo Paulo, reconhece-se o amor como uma força essencial da experiência humana. Paulo, em sua epístola, não ignora a dor, a perda e o sofrimento; ao contrário, afirma ser necessário enfrentá-los para alcançar o bem maior. Apresentam-se, assim, duas visões sobre o amor não excludentes, mas complementares. Em Camões, a dor revela o enobrecimento do sujeito. De acordo com Pereira (2015), o poeta associa o amor ao sofrimento de forma tão intensa que chega a considerar o ato de amar como uma forma de martírio. Sua vivência amorosa é contraditória, inatingível, e muitas vezes causa de desespero, agonia e solidão, uma dor física e moral que eleva e destrói ao mesmo tempo.

Em Paulo, o amor é vivenciado como ágape, expressão suprema da maturidade espiritual. Como explica Ramos (2012), o amor é exaltado como o maior de todos os dons, o que destaca sua centralidade na vida cristã. Em ambos os textos há uma tensão comum entre sofrimento e transcendência. A dor, no soneto camoniano, nasce da contradição amorosa, da tensão entre forças opostas “querer e não querer, estar e não estar”, e questiona como tais paradoxos poderiam resultar em amor. Camões desenvolve isso com sutileza, culminando numa manifestação do espírito maneirista, em que a contradição é, por si, reveladora da profundidade do sentimento.

Em 1 Coríntios 13, essa dor, que em Camões provém da contradição, é ressignificada: ela é suportada como expressão de uma virtude maior. O amor que “tudo crê, tudo espera, tudo suporta” propõe um caminho de superação do sofrimento por meio da fé e da entrega plena. Se, para Camões, o amor pode tanto elevar quanto destruir como ponto crucial da lírica camoniana, para Paulo, ele é sempre edificante. No entanto, ainda que se expressem por linguagens e estilos distintos, ambos os autores apontam para uma superação da condição humana por meio da força transformadora do afeto.

Conclui-se, portanto, que não há uma definição única sobre o que é o amor. Tanto o amor lírico de Camões quanto o amor espiritual de Paulo funcionam como espelhos da alma humana,

refletindo formas diversas de sentir, expressar e compreender o amor. Seja como uma “ferida que dói e não se sente” ou como aquilo que “tudo crê e tudo suporta”, o amor é apresentado como experiência universal, capaz de mover o espírito, de revelar o eu mais profundo e de conduzir, por meio da dor e da entrega, à plenitude da existência.

## **CONCLUSÃO**

A partir da comparação entre as concepções de amor no poema de Camões e na passagem bíblica analisada por esse estudo, em diálogo com os pensamentos de Maslow, Montaigne e Platão, é possível perceber que o amor é um fenômeno multifacetado, que transcende a dimensão existencial e alcança os campos espirituais, éticos e filosóficos da vida humana. Em Camões, o amor é retratado como uma força arrebatadora e contraditória, marcada pela ambiguidade entre o prazer e o sofrimento. O poeta frequentemente revela um sujeito preso à dor da experiência amorosa, mostrando os limites dessa busca e apontando que, para alcançar o amor, é necessário enfrentar suas dores e dilemas. Por outro lado, Paulo propõe um amor que se realiza plenamente na caridade, que ultrapassa o desejo e se firma no altruísmo e na permanência. Trata-se de uma concepção que se aproxima da noção de autorrealização a partir de uma visão mais “elevada” na perspectiva religiosa. Em outras palavras, é no próprio ato de doação que o sujeito encontra sentido e plenitude, não por carência, mas por encontrar-se com uma força interior.

Dessa forma, a análise comparativa dos textos de Camões e Paulo permite observar que o amor, enquanto tema literário e teológico, é construído por múltiplas perspectivas que oscilam entre o sofrimento e a transcendência. Em Camões, prevalece a dimensão contraditória e afetivamente dilacerada do sujeito lírico; já em Paulo, o amor assume um caráter ético e espiritual, fundamentado na ideia de caridade. As abordagens filosóficas e psicológicas mobilizadas ao longo do trabalho — especialmente em Platão, Montaigne e Maslow — funcionam como instrumentos interpretativos que enriquecem a leitura desses textos, sem pretensão de esgotar ou universalizar o conceito de amor. O que se evidencia, portanto, é a pluralidade de sentidos que esse tema pode assumir nas produções simbólicas humanas, em distintos contextos históricos, culturais e doutrinários.

Dito isso, esperamos que essa análise contribua para os estudos literários ao discutir sobre as inúmeras representações do amor nos diferentes gêneros e tipos de obras, sejam textos poéticos canônicos ou narrativas de cunho religioso. Durante o debate proposto na presente pesquisa, tivemos o cuidado de não reduzir esse complexo sentimento a uma única visão, ampliando seu entendimento a partir de distintas abordagens filosóficas, poéticas e teológicas. Demonstrando que, apesar das divergências conceituais, todas essas perspectivas convergem

em torno da centralidade do amor na experiência humana.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Danielle. “*Par manière d’essai*”. *Montaigne e a Filosofia do Ensaio*. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

*A arte de amar*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CONFORT, PHILIP WESLEY. *A origem da Bíblia: um guia completo*. Tradução de Luís Aron de Macedo. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

CAMÕES, Luís de. *Obras completas de Luís de Camões*, Tomo II. Projeto Gutenberg, 2010. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31509/31509-h/31509-h.htm>. Acesso em: 4 abr. 2025.

CAMÕES, Luís de. *Sonetos e outros poemas*. Organização de Vasco Graça Moura. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.

CAVALCANTI, José Paulo. *Camões, 500 anos*. Academia Brasileira de Letras, 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/camoes-500-anos>. Acesso em: 12 mar. 2025.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura, uma introdução*. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A nascente do amor*. Atualidade Teológica: revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 35, maio/ago. 2010.

MASLOW, A. H. A theory of human motivation. *Psychological Review*, v. 50, n. 4, p. 370–396, 1943. Disponível em: <https://www.simplypsychology.org/maslow.html>. Acesso em: 5 abr. 2025.

PEREIRA, Vicente Luís de Castro. *As muitas vidas de Luís de Camões: ressonâncias biográficas camonianas na literatura luso-brasileira oitocentista*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução de J. A. Braga. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

RAMOS, José Augusto et al. (Coords.) *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1. ed., 2012.

RENNÓ, A. C. *A linguagem metafórica no diálogo entre a tradição e a modernidade: Camões, Gregório de Matos e Oswald de Andrade*. Revista Travessias, v. 01, p. 01-15, 2007.

SANTOS, João Batista Ribeiro. *Atlas de estudos bíblicos: com a história do contexto religioso*. 2. Ed. São Paulo: Didática Paulista, 2011.